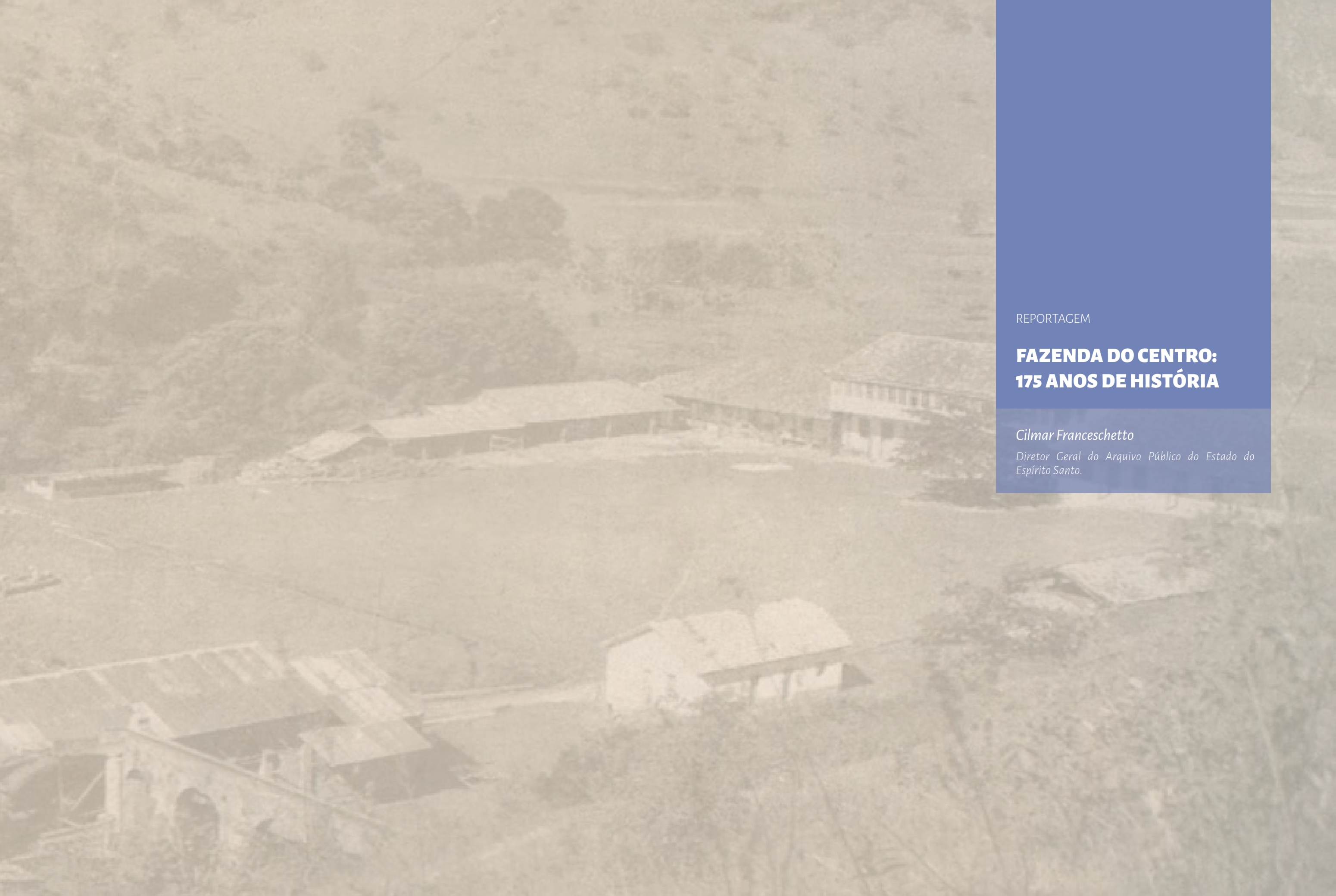




REPORTAGEM

FAZENDA DO CENTRO: 175 ANOS DE HISTÓRIA

Cilmar Franceschetto

*Diretor Geral do Arquivo Público do Estado do
Espírito Santo.*



Fazenda do Centro: 175 anos de história

Um dos mais interessantes capítulos da colonização do interior do Espírito Santo diz respeito à história da Fazenda do Centro, em Castelo, no sul do Estado, que comemora os 175 anos da sua fundação. A área da propriedade já era considerável para os padrões da época, com 3.202 alqueires (155 Km²), localizada às margens do rio Caxixe, afluente do Castelo, que deságua no Itapemirim.

O imenso casarão, de 1800 m², foi edificado por mãos dos negros escravizados, em 1845, sob o jugo do proprietário, major Antônio Machado Vieira da Cunha, quando então se iniciava o ciclo do café no Brasil.

A ocupação da região interiorana do Sul espírito-santense se deu com a expansão cafeeira do vale do Paraíba, quando então, fazendeiros norte-fluminenses, e também os mineiros, procuravam pelas terras virgens capixabas para instalar suas fazendas para a monocultura do café, utilizando-se da mão

de obra escrava. É neste contexto que se enquadra a criação da Fazenda do Centro.

Importante ressaltar que, por mais de um século, a faixa que compreende a parte litorânea da antiga capitania do Espírito Santo ficou, propositalmente, isolada e desprovida de apoio governamental para sua exploração e desenvolvimento. A Coroa portuguesa havia se encarregado de proteger as minas auríferas a oeste, as Minas Gerais, e coibiu o desbravamento das florestas capixabas, bem como a construção de acessos transitáveis, tendo por objetivo bloquear a entrada de invasores e evitar o desvio da produção do ouro: a chamada “barreira verde”. Essas restrições tiveram fim com a chegada da Família Real, em 1808. Mesmo com essa abertura, a ocupação definitiva do *hinterland* capixaba se deu apenas a partir da década de 1840.

Porém, a história dessa região castelense teve início mais de dois séculos antes, por volta de 1620, quando então os Jesuítas, estabelecidos em Benevente (hoje, Anchieta), fundaram as missões de

Núcleo Colonial da Fazenda Centro - 1909-1912

Córrego da Telha		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
COLOTTI Andréa	1	305733
ZOPE Ludovico	2	734100
SALVADOR Francisco	3	381000
NICO Cesari	4	433330
NICOLI Caetano	5	494130
ANDREON Luigi	6, 7	1130830

Vai e Vem		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
CALIMAN Michel	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10	381823

Córrego da Alegria		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
José Ribeiro d'Aquino	793	836750

São Luiz		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
BERNARDE Calisto e irmãos	1, 2, 3, 4	1860770

Santa Isabel		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
—	8, 9(A), 10, 10(B)	—
CALIMAN Giuseppe	12, 13(C)	822730
SPADETTO Filipe	14	422300
LUBIANA Lusiano	16	576780
ALDO Teliano e Filho	18, 19	*499970
POBRESIMO	—	3704803

Crimeia		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
—	9, 2, 3, 4, 5, 6, 7	—

Caxibe		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
NICOLI Capitani	13(B)	475500
DE MARTIN (7) e FILIPI	9, 10, 11, 13(A)	725450
ALDO Antonio e Filhas	13, 15, 17, 19	2128400
SOLOMON Giacomo	12	582530
NICOLINI Pietro	14	618880
FRANCESCO ETTO Alexandre	16 metade	199650
PAZZOLO Augusto	16 metade	240900
CRIMASCO Angelo	18	551750
IOZZI Segundo	20, 22	968000
ALDO José e Filhos	21, 21(A), 23	2431900
IOZZI Celso	25	484000
VILHENA CASCONI ETI INOCENTE	26, 26, 27	1432000
CAMATA Theodoro	28, 29, 30, 31, 32, 33	*942540
BREHARD Giovanni	34, 35, 36	*907760
Mansueto	37, 39, 40, 43, 45, 47, 49	*367250
Transportados	—	33922580

Campestre*		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
VIETTORACE Carlo e irmãos	1, 2, 3, 3(A), 4, 6, 8	*2712370
BRONZI Giulietto	5(B)	484000
SALVADOR Giovanni	6	584000
SALVADOR Francisco	7	484000

Corumbá		
Nome das Colônias	Nº das lotes	Área
LIBARDO CARLOS ANTONIO	1, 2, 4, 5, 7	1703400
BERNARDE Giovanni	3	484000
MAZZOLI Annibale	7(A)	484000
CAMPO Pedro	6, 8 metade	726000
VENTURINI Fioravante	8 metade, 10	726000
LACRINI Augusto	9	484000
NICOLI Antonio	11	484000
CERUTI Giuseppe	12	484000
VIETTORACE Angelo	13, 13(A)	*484000
IOZZI Giuseppe	14	484000
RUBIN Pietro	15, 15(A)	—
FRACO Antonio	16	484000
SCANDARI Alexandre	18(A)	447000
SALVADORI Giuseppe	18(B)	484000
RUBIN Pietro de Smau (7)	17	484000
VENTURINI Ricardo	18, 18(A), 20 metade	988900
BAILO Giuseppe	19, 20 metade, 21, 22	*644300
não existe	23, 24	*376800
não existe	25, 26	—
não existe	27	—
não vendido	28	—



Montes do Castello. Os religiosos tinham por objetivo o aldeamento dos índios *puris*, que dominavam esse território. É também provável que eles tinham o interesse na extração do ouro que, supostamente, já era de conhecimento dos silvícolas.

A operação dos Jesuítas se deu com a implantação de cinco aldeias, distribuídas desde o rio Caxixe até as proximidades do atual distrito de Itaoca, em Cachoeiro de Itapemirim, tendo as seguintes denominações: a aldeia Sede, Caxixe, Ribeirão, Barra do Rio Castello e Salgado. As informações dessas realizações jesuíticas foram relatadas, em 1860, pelo padre Manuel Pires Martins e se encontram em um livro denominado Cartulário, guardado na igreja de Nossa

Senhora do Amparo, em Itapemirim. Buscas arqueológicas organizadas por historiadores castelenses estão sendo realizadas nas proximidades da Fazenda do Centro para se localizar vestígios dessa ocupação e assim comprovar esse importante fato histórico.

Em 1705, no encalço do precioso metal, os Bandeirantes, liderados por Pedro Bueno Cacunda, realizaram nessa mesma região castelense a exploração das Minas do Castello. De fato, essa parte do interior capixaba foi a primeira a ser explorada pelos europeus, mesmo com a proibição imposta pela Coroa Portuguesa.

Em 1754, esses mineradores ergueram a igreja de Nossa Senhora da Conceição. Mas, a minera-

ção veio a cabo com a investida dos índios contra os invasores, que não resistiram aos ataques dos silvícolas e foram obrigados a fugir da região e a se refugiar nas proximidades da atual cidade de Itapemirim, levando os paramentos e a imagem da padroeira. Vale ressaltar esse evento na história capixaba: a vitória dos índios contra a penetração do homem branco em seu território.

Quase um século se passou e, novamente, a região passou a atrair o interesse dos colonizadores, desta vez para a exploração das suas férteis terras, para o cultivo do café. O Major Vieira da Cunha, procedente de Vassouras (RJ), se interessa pelos terrenos para ali instalar seu empreendimento agrícola, ba-

tizando-o como *Fazenda Centro do Mundo*. O próprio nome já revelava sua grandeza.

Há relatos de que chegou a possuir, em seu auge, 600 cativos. Aparte a violência do sistema escravocrata, havia na fazenda um elenco de artistas que se apresentava no teatro, na música e em outras atividades culturais, expressando-se nas artes suas vivas aspirações pela tão sonhada liberdade. Eram negros escravizados que, provavelmente, foram trazidos do Rio de Janeiro, que nasceram na fazenda e aqueles que, com o tempo, foram adquiridos e trazidos de outras regiões, o que nos leva a concluir sobre a diversidade étnica quanto suas origens africanas.



Com a abolição, logo entrou em decadência, agravada pela queda no preço do café. Manoel Fernandes de Moura, que era proprietário da fazenda na ocasião, contratou pelo menos 150 imigrantes italianos, nos anos de 1888 e 1895, em lugar da extinta mão de obra escrava, na tentativa de manter o empreendimento cafeeiro. Em 1895, outro fato viria a agravar a escassez de mão de obra, que foi a proibição da emigração de camponeses da Itália para o Espírito Santo, decretada pelo governo daquele país. Sem alternativas, a fazenda encarou seu declínio.

Foi em 1909 que a Fazenda do Centro ganhou novos rumos. O religioso espanhol, Frei Manuel Simón, reuniu sócios para aquisição dos terrenos, bem como dos seus maquinários, do casarão e das demais benfeitorias para ali instalar a Ordem dos Agostinianos Recoletos, que estava sediada em Anchieta.

Em seguida, retalhou a propriedade em lotes de 10 alqueires e os vendeu, a prazo, às famílias

italianas, antes localizadas nas colônias no entorno de Alfredo Chaves, as quais eram atendidas por ele enquanto pároco de Anchieta. A fazenda tornou-se, assim, um núcleo de colonização agrícola, por iniciativa de uma congregação religiosa: único exemplo no país. E o imóvel, o centro de estudos e sede dos Agostinianos no Espírito Santo.

O casarão da fazenda fica a 11 km da cidade de Castelo. Em 1984, foi tombado como bem histórico pelo Conselho Estadual de Cultura e em 1989 pelo município de Castelo.

Foi restaurado em 2011, por força da mobilização de bravos idealizadores que, para tanto, fundaram, em 2005, o Instituto Frei Manuel Simón que, por meio de um contrato de comodato com os Agostinianos – por um prazo de 20 anos – agora administra o casarão. O instituto mantém ainda um intenso debate que envolve as comunidades da região do Vale do Caxixe no sentido de promover a autossustentabili-



dade do casarão e o desenvolvimento econômico dos pequenos agricultores, herdeiros das terras do loteamento do Núcleo Colonial da Fazenda do Centro.

Os recursos para a execução das obras, para a restauração do imóvel, foram angariados junto ao Governo do Estado, à Prefeitura de Castelo, além de doações da iniciativa privada, das comunidades e famílias da região. Como resultado, se tornou uma importante referência enquanto patrimônio histórico, preservado, e centro de atração turística do município.

A Fazenda do Centro se estruturou no vale do rio Caxixe, por onde desde épocas imemoriais transitavam os povos indígenas. Por ali passaram os Jesuítas e depois os Bandeirantes. Em seguida os por-

tugueses com os negros escravizados. Por último, chegaram os padres Agostinianos, espanhóis, trazendo centenas de famílias italianas.

Uma história muito rica, em seus diversos ciclos, representativa da mistura de povos e diversidade cultural do Espírito Santo.